

A HIPERSEXUALIZAÇÃO DA MULHER NEGRA

Ana Carolina Viana,
Cristiane Santos
Rafaela Ezechiello

*"Feminismo negro é por vezes referido como Mulherismo porque ambos estão preocupados com as lutas contra o sexismo e o racismo enfrentados pelas mulheres negras".
(Bárbara Omolade)*

RESUMO: Este artigo aborda a temática da hipersexualização das mulheres, em especial, das afrodescendentes. Diante disso, o objetivo deste trabalho é destacar as diferentes formas que esse fenômeno afeta a vida em social das mesmas. Igualmente importante, é situar genealogicamente essa cultura racista, patriarcal e sexista desde o período colonial brasileiro até a sistemática circulação de seus estereótipos nas ramificações da indústria cultural. Trata-se de um processo contínuo de objetificação da mulher em seu meio social. O presente artigo busca eliminar toda a forma de preconceito sobre o feminino, na mesma medida que pretende evidenciar toda a negatividade imposta pela hipersexualização.

PALAVRAS-CHAVE: objetificação, hipersexualização, estereótipo, afro-brasileira, escravidão.

ABSTRACT: The article concerns about the thematic of supersexualization of women, especially, afro-descendants. Given this fact, work's aim is show the different ways which this phenomenon affects the social life of this people. It is equally important to recognize the genealogical context of this racist, patriarchal and sexist culture since the Brazilian colonial period to the systematic circulation of its stereotypes in the ramifications of the cultural industry. It is a continuous process of turn the woman into an object in its social surrounding. The article pursues to eliminate all types of prejudice about feminine gender, as well as emphasize the negativity imposed by the supersexualization.

KEYWORDS: objectification, supersexualization, stereotype, afro-brazilian, slavery.

1 INTRODUÇÃO

Historicamente as mulheres obtiveram conquistas extremamente significativas relacionadas à sua liberdade e autonomia. Estas foram possibilitadas por movimentos que idealizaram e conquistaram muitos direitos constitucionais, dentre eles a garantia ao divórcio, ao trabalho e ao voto. Por isso, pode-se destacar o movimento sufragista, iniciado na Inglaterra em 1867, como a primeira luta considerada feminista. Além disso, na década de 1960, houve a libertação sexual contrariando a visão da sociedade em relação às mulheres. Entretanto, ainda no século XXI, permanece uma visão preconceituosa e estereotipada em relação às mulheres, fruto de uma cultura patriarcal que permeia diferentes aspectos, destacando-se, por exemplo, a questão relacionada à sexualização e objetificação de seus corpos. Devido a isso, muitas vezes as mulheres são alvos de preconceitos delimitando o respeito e a igualdade em ambientes sociais.

Já as mulheres negras, além de sofrerem com o machismo, há também a inclusão do racismo, o qual é manifestado a partir do período escravagista, por isso é indispensável separá-las das mulheres brancas, as quais há a ausência da segregação racial. A luta feminina negra era voltada majoritariamente à resistência ao racismo devido a necessidade de combater o preconceito vigente desde a época da escravidão, o qual é permanente até os dias atuais.

Assim como as mulheres brancas, as mulheres negras constantemente são alvos da sexualização, havendo uma significativa diferença por decorrência da inserção do racismo. Logo, a hipersexualização é o processo de sexualizar um indivíduo ou grupo ao extremo, nesse caso voltado às mulheres negras, no qual é um fato recorrente devido a junção do machismo e do racismo interligados na atualidade.

2 A ESCRAVIDÃO QUE IMPULSIONOU A HIPERSEXUALIZAÇÃO DA MULHER NEGRA

O patriarcado foi um processo que naturalizou a opressão feminina, variando de forma e intensidade dependendo da cor e da posição social da mulher. A mulher branca era dominada em algumas situações, mantendo-se no seu papel de mãe e esposa, já a mulher negra não podia exercer o papel de esposa e, em alguns casos, restou-lhe o papel de concubina.

A população negra na época do Brasil colonial (XVI-XIX) era tratada no geral como um objeto de poder, ademais, as mulheres negras possuíam funções voltadas para serem amas de leite e utilizadas como mão de obra escrava, além disso, eram, muitas vezes, direcionadas à satisfação do prazer sexual masculino, como pode ser constantemente visualizada na obra *Casa Grande e Senzala*, de Gilberto Freyre (1998), o qual afirma que, no Brasil, as mulheres negras são utilizadas exclusivamente para fazer sexo com os homens brancos.

Ao longo desse período ocorreu um contínuo processo de objetificação da mulher negra, pois, enquanto as mulheres brancas eram vistas como uma figura recatada, “pura” e ligada ao matrimônio, as negras eram consideradas como um ser de libertinagem e para o sexo. Por isso, muitos homens as procuravam para satisfazer seus prazeres sexuais (LACERDA, 2010).

[...] Para justificar a exploração masculina branca e o estupro das negras durante a escravidão, a cultura branca teve que produzir uma iconografia de corpos de negras que insistia em representá-las como altamente dotadas de sexo, a perfeita encarnação de um erotismo primitivo e desenfreado (HOOKS *apud* FRAGA, 2015, s.p).

Além disso, a escrava negra era também usada para a iniciação sexual de meninos, filhos dos senhores que as escravizavam, os quais não hesitavam em deixar a mostra o seu sadismo, abusando dessas mulheres e de seu poder.

O preconceito remetido às negras se deve principalmente à inferioridade jurídico-social da condição feminina, vistas como uma espécie de “bestas ou mercadoria sexual”. Diante disso, a mesma escrava que em determinado período histórico era considerada como um simples “burro de carga”, também poderia ser a responsável pelo início da vida sexual de muitos “jovens sinhozinhos” (ROSA, 2011). Essas expressões que eram comuns na época rebaixavam a mulher negra a mero objeto sexual, além disso, uma série de normas não permitia o casamento entre as “duas raças”, porém, esse impedimento não significava nada quando o foco em questão envolvia a prática sexual, já que isso era naturalizado (FREITAS, 2011). Como comenta Chiavenato,

Essa situação levou a entender-se como função da negra escrava o satisfazer as necessidades sexuais do senhor: nem sempre isentas de desvios sádicos, quase sempre orientados por um forte sentimento de depravação. (CHIAVENATO 1993, p.136)

As negras consideradas com muita beleza no período escravista brasileiro se constituíam em “tentação sexual” para homens europeus que viviam ou ingressavam no país. O francês *Tonellaire* caracterizava as mulheres negras de modo sensualizado, destacando seus corpos e sua cor.

No século XIX, um simples anúncio seria capaz de mostrar a intensidade da valorização dos atributos sexuais das mulatas e negras. No setor de classificados do periódico carioca *Jornal do Comércio* era possível encontrar o interesse por africanas com força física, disposição para o trabalho e detalhes anatômicos específicos, além de aspectos como força física e disposição para o trabalho: “Procura-se negrinha de beijos finos, olhos grandes, pés pequenos, espigadinha de corpo, peito em pé. Rua das Violas, em São Cristóvão” (MOTT, 1988, p.55).

Nota-se nesse anúncio, a “coisificação” das mulheres negras. Além de transformar seus corpos em objeto da força de trabalho, elas precisam responder a exigências estéticas como beijos finos e olhos grandes além de objetificarem seus

corpos, o que incluía as funções exigidas para abastecer a prole de quem as escraviza, já que às mulheres negras foi atribuída também a função de ama de leite.

De Portugal transmitira-se ao Brasil o costume das mães ricas não amamentarem os filhos, confiando-os ao peito de saloias ou escravas. [...]: o precioso leite materno era quase sempre substituído pelo leite mercenário das amas (FREYRE, 2003, p.460).

E houve diferentes razões para a escolha do leite de mulheres negras em detrimento das brancas. Um dos motivos é o pensamento de que o leite da mulher negra poderia ser mais saudável (SILVA, 2015), além das negras converterem melhor o alimento dando a justificativa que elas eram mais férteis.

Durante o período colonial brasileiro houve uma intensa procura por amas de leite. Os anúncios salientavam a preferência por amas de leite sem filhos, para não haver o compartilhamento do leite materno com outras crianças a não ser a do senhor. Caso tivessem filhos, as amas de leite eram bruscamente separadas dos seus (SILVA, 2015).

As amas de leite se estabeleciam nas casas de seus senhores. Os vínculos afetivos constituídos com os filhos da família senhorial tornavam as amas uma espécie de segunda mãe, ou seja, uma extensão familiar. Em muitos casos, eram obrigadas a abandonar sua prole original.

O processo de objetificação do corpo das mulheres negras no período colonial teve como consequência problemas físicos, espirituais e, principalmente, psicológicos. O corpo da mulher negra assumiu diversas utilidades na visão do homem, pois ele era procurado pelo branco para a realização de seus desejos sexuais e ao mesmo tempo era uma forma de alimentar os filhos através das amas de leite, concluindo que, no pensamento do colonizador, o corpo da mulher negra era um espaço de exploração e sensualidade, instituindo que ela fosse considerada a "mulher sexo", ou "só corpo, sem mente".

Essa era a realidade que estava posta para as mulheres racialmente escravizadas: apesar de se perceberem como gestoras de vida político-econômica e de civilização, pelo seu lugar na sociedade colonial e escravagista era com fardo que exerciam qualquer posição que excedesse a condição de mulher objeto, mulher sexo e mulher labor. Portanto, dentro da estrutura de dominação e opressão que pesava sobre elas, as mulheres negras viram-se fadadas a reconstruírem-se como mulheres nesse curto espaço de negociação (BOMFIM *apud* OLIVEIRA, 2015, n.p).

Portanto, a escravidão objetificou de duas formas as mulheres negras, primeiro como fonte de renda, e segundo como mercadoria sexual. Essa apropriação dos corpos femininos negros permaneceu mesmo após a abolição da escravidão, deixando marcas na sociedade atual, a qual cria e cultua uma série de estereótipos e a hipersexualização das mulheres negras.

Essas marcas foram naturalizadas ao longo de todo o processo histórico brasileiro, criando relações de hierarquia e discursos que têm poder de transformar o corpo negro em um espaço de violação, exploração e dominação. E por isso, influenciou na maneira como as mulheres negras são representadas atualmente nos veículos de comunicações, ou seja, de forma hipersexualizada devido à herança deixada pela escravidão, a qual direcionava o corpo da mulher negra à exploração, principalmente no âmbito sexual.

3 A COLABORAÇÃO DA MÍDIA NA HIPERSEXUALIZAÇÃO DO CORPO DA MULHER NEGRA

O padrão de beleza feminino é um fenômeno mutável criado desde a antiguidade e que perdura até os dias atuais; atinge a maioria das mulheres da sociedade devido a uma busca incessável pela beleza ditada como correta. As mulheres no geral sofrem com o padrão de beleza, mas, as mulheres negras, em especial, respondem a um grau maior de exigência devido ao racismo e ao machismo entrelaçados (CARNEIRO e FERREIRA, 2014).

Atualmente, o padrão de beleza da mulher negra é voltado para o corpo dito "escultural", com vistas a garantir a hipersexualização; mesmo assim, as mesmas devem aproximar suas feições das mulheres caucasianas, com o cabelo liso, o nariz e o rosto afinados. As mídias sociais reproduzem, nessas circunstâncias, a sociedade e seus preconceitos, perpetuando um padrão de beleza inalcançável para maioria das mulheres negras.

Um dos principais produtos midiáticos de sucesso no Brasil é a telenovela, abordando assuntos recorrentes, como hábitos e valores do cotidiano brasileiro. Apesar disso, a representação de pessoas negras nas telenovelas sempre foi muito escassa devido ao racismo enraizado na sociedade. Nas primeiras novelas, os negros eram representados com inúmeros estereótipos racistas dos quais alguns persistem até aos dias atuais.

A telenovela “Da cor do pecado”, produzida pela Rede Globo em 2004, é considerada a primeira novela contemporânea da emissora na qual o preconceito sobre os negros foi abordado, tendo uma mulher negra como protagonista, a personagem Preta, interpretada pela atriz Taís Araújo, que viveu uma mulher maranhense e protagonizou um romance com Paco, homem branco, interpretado pelo ator Reinaldo Gianecchini. Analisando o título da telenovela, “Da cor do pecado”, a imagem representando os seios de uma mulher negra e observando a trilha sonora de abertura que cita “Esse corpo moreno, cheiroso e gostoso que você tem, é um corpo delgado da cor do pecado, que faz tão bem” (MELLO, 2004) nota-se a ocorrência da hipersexualização, considerando que a mulher negra é representada como um “pecado”, como se fosse um objeto de sensualidade e de indecência (ROSA, DIAS e ALMEIDA, 2018).

Tem-se outro exemplo de hipersexualização da mulher negra na novela Fina Estampa (2011) da Rede Globo. A atriz Cris Vianna, que interpretou a personagem Dagmar dos Anjos, representou a personagem negra de forma totalmente sexualizada, principalmente em cenas de banho. Por mais que exista um grande número de intérpretes negras atuando nas mídias de entretenimento, a quantidade ainda é pequena, um exemplo desse fato foi a novela “Segundo Sol” de João Emanuel Carneiro exibida pela Rede Globo em 2018. A mesma foi gravada na Bahia e tinha como tema principal abordar a cultura do nordeste, onde a maior parte da população é negra, porém, de 26 atores somente três eram negros, e mais uma vez enfatizando pessoas brancas em um cenário que os artistas negros deveriam prevalecer. Assim, destacam-se Taís Araújo, Camila Pitanga e Sheron Menezes, que apesar de serem extremamente profissionais e talentosas, são (ou já foram em algum período) vítimas de um racismo sexista e estereotipado nos papéis de novelas dados a elas. Isso reforça a ideia de que a sexualização das mulheres negras é apenas uma das consequências de um racismo institucionalizado e que encontra espaço nas novelas, séries e filmes brasileiros (CAMBRAIA, 2017).

Já na telenovela “Salve Jorge”, exibida em 2012, também ocorre a hipersexualização quando a personagem Maria Vanúbia, interpretada por Roberta Rodrigues, tomava banho de sol na laje e chamava a atenção da vizinhança. Evidencia-se, portanto, uma necessidade das telenovelas em representarem geralmente a mulher negra de maneira hipersexualizada aos moldes do estereótipo social vigente desde o período colonial.

Uma das características mais marcantes dessa ideologia culturalmente enraizada na mídia é a Globeleza, uma figura representada pela maior emissora de televisão do país (Rede Globo) como símbolo do carnaval. Trata-se de uma mulher negra, pouco pigmentada, com o corpo coberto apenas por tintas e brilhos, sambando sensualmente em frente a câmera. Apesar da emissora ter mudado o estilo da vinheta desde 2017, com menos nudez e mais representação cultural, atualmente ainda é penetrado na cultura brasileira a questão da *negra seminua* como uma marca das festas carnavalescas (BARROS, BRITO e SEABRA, 2016).

A mulher negra não é vista como quem pensa. É considerada como sendo apenas emoção e corpo, não como alguém que produz conhecimento. Conseqüentemente ela não se enxerga como capaz de ocupar aquele local, o mundo a coloca num lugar de subalternização ou erotização. Mulher boa de cama, mulher quente, mulata do carnaval (MULVEY *apud* LOPES, 2017, p. 29).

Além das telenovelas, a hipersexualização da mulher negra também está presente em vídeo clipes e canções brasileiras, como pode ser visualizada na música *Da cor do Pecado* (SOROCABA e BONIFÁCIO, 2010) da dupla sertaneja Fernando & Sorocaba. Nela, a beleza negra é vinculada exclusivamente ao seu corpo, além de haver expressões que remetem a mulher negra a um ser exótico.

Corpo moreno, sarado, gostoso, da cor do pecado,
Me deixa maluco, me deixa pirado, ela é demais, demais
Falei pra ela, que o lugar dela é do meu lado
Mostrei pra ela, que sou um homem apaixonado
Vem ser só minha, beleza sobrenatural
Você é linda, rainha do meu carnaval.
(SOROCABA e BONIFÁCIO, 2010).

Já nos clipes, as mulheres negras também são constantemente destacadas unicamente pelos seus corpos, como pode ser visto na maioria dos videoclipes da cantora *Iza*, onde as dançarinas e a própria cantora são hipersexualizadas por meio de poucas vestimentas e danças sensuais. Embora a indústria musical explore normalmente a sexualização das mulheres nos clipes, é ainda muito difícil para as cantoras negras se distanciarem dessa realidade, visto que o espaço musical para negros é mais estreito, e, por isso, há a necessidade de focar na hipersexualização para tentar alcançar o sucesso.

A hipersexualização das mulheres negras brasileiras nos clipes musicais pode ser visto, igualmente, em músicas estrangeiras como no clipe "*Beautiful*", cantada pelos norte-americanos *Pharrel Williams* e *Snoop Dogg*. Gravado no Rio de Janeiro, o

videoclipe mostra constantemente negras brasileiras de biquínis com a câmera voltada para seus corpos. Por isso, é recorrente a hipersexualização, mesmo inconscientemente, produzir um imaginário social de que mulheres brasileiras são apenas voltadas para seus corpos esbeltos.

Em redes sociais o processo é o mesmo: A beleza da mulher negra é apenas restrita ao seu corpo, como podem ser vistas em páginas do Facebook. São destacadas e aclamadas pelos usuários da internet apenas quando estão expondo seus corpos.

Esses fatores hipersexualizantes sobre as mulheres negras produzem inúmeros estereótipos. Agregam teor negativo às suas relações e representações sociais, afetando diretamente sua vida cotidiana.

4 QUANDO A HIPERSEXUALIZAÇÃO AFETA OS RELACIONAMENTOS DA MULHER NEGRA

A hipersexualização da mulher negra atinge diretamente sua vida social, definindo a forma como a sociedade a enxerga e a sua coisificação, visto que a hipersexualização e a objetificação estão relacionadas. Assim como ela é retratada nas mídias sociais como alguém que concede apenas prazer, esses estereótipos levam à sua solidão. Como pode ser destacado na fala da mestra em psicologia pela Universidade Federal da Bahia, Samai Cunha *apud* Flávia Azevedo (2018):

A solidão da mulher negra reside no fato desta ser vista, notada e desejada, mas não ser assumida. Homens brancos e negros aprenderam que, para terem status, devem apresentar uma mulher branca. Negras são apenas para entreter e dar prazer. Nos dias de hoje, com a emancipação do feminino, estar só é a saída para se autovalorizar numa sociedade onde o valor ainda está na cor e num padrão estético que anula todo e qualquer mérito de uma mulher “de cor” (s/p).

Assim como a mulher negra é constantemente hipersexualizada e objetificada, as pessoas não a veem para construir uma relação e sim para divertir-se. E, por isso, muitas vezes, elas são inseridas em um papel de amante, ou seja, de não querer expô-la.

Ademais, a hipersexualização e a objetivação são apenas um dos outros fatores da *solidão* da mulher negra, como mostra o livro *Quarto de despejo* de Carolina Maria de Jesus (1993). Nessa obra, são problematizados temas como a fome, a miséria e a desigualdade social. A personagem-narradora conta sobre a realidade de muitos relacionamentos do ambiente onde vivia: fofocas, brigas e violência, fatores que a levaram a optar por não partilhar sua vida com um companheiro.

O livro relata os obstáculos que Carolina encontrou para ter um relacionamento, a falta de confiança em si mesma, a insegurança e a violência que ela sofreu no decorrer da vida. Todos são fatores que influenciaram em sua decisão; manter-se sozinha acabou sendo um escudo pessoal para permanecer livre de problemas e agressões.

A escolha de não se casar, por exemplo, pode ser justificada por ela ter presenciado muitas cenas de violência contra as mulheres, tanto físicas quanto psicológicas. De acordo com a psicóloga Maitê Lourenço, a necessidade de fugir desse quadro social e evitar uma vida solitária também torna as mulheres negras vulneráveis a relacionamentos abusivos (MARTINS, 2016).

A própria violência doméstica também pode fazer parte das estatísticas para pontuar o que acontece com as mulheres negras, pois muitas acabam se submetendo a relacionamentos abusivos para não permanecerem sós. (LOURENÇO *apud* ANJOS e ARRAES, 2015, n.p)

De acordo com a antropóloga Laura Moutinho *apud* Anjos e Arraes (2015), há um padrão marital homogâmico (um pequeno percentual de casamentos interraciais com a predominância do par homem negro/mulher branca). Ademais, Ana Claudia Lemos Pacheco autora do livro "Mulher Negra: Afetividade e Solidão", afirma que há fatores para que as mulheres negras sejam rejeitadas pelos homens negros. A maioria delas está conectada a contextos históricos e culturais existentes na sociedade (ANJOS e ARRAES, 2015).

Em nosso imaginário cultural, as características raciais e fenotípicas da mulher negra – considerando a cor da pele, as características do cabelo, a estética – estão o tempo todo associadas a estereótipos negativos. Essas representações estão vinculadas não apenas ao imaginário social mais geral, mas também ao imaginário acadêmico, literário. Na música, nas imagens socialmente produzidas, o que sempre se destacou (em relação à mulher negra) são essas características, relacionadas a um comportamento sexualizado, quase que servil – e isso é a reprodução de uma concepção bem colonial, quase que a imagem reproduzida da mulher escravizada, que estaria, portanto, para servir ao outro, ao senhor. E a outra representação é a do trabalho, de como a mulher negra seria 'pau para toda obra', seria

boa para o trabalho servil e doméstico, e não seria uma mulher com desejos, com possibilidades de construir uma afetividade, de ter projetos pessoais, familiares, de uma mulher que tenha a capacidade de pensar (PACHECO *apud* ANJOS e ARRAES, 2015, s/p).

Além disso, segundo a autora, a mulher branca é vista pelo homem negro como alguém fundamental para casar, ser mãe e manter uma relação, já a mulher negra não caberia nessa representação.

Apesar do termo "solidão" ser normalmente associado a significados negativos, as mulheres negras acabaram sendo mais encorajadas a criarem seus filhos sem a ajuda de um companheiro, mudando a ideia de ser uma realidade sofrida só porque estão sozinhas. No livro "Mulher negra e professora universitária: trajetória, conflitos e identidade" a autora Eliane Oliveira *apud* Anjos e Arraes (2015) cita que esse conceito foi se resignificando com o tempo, pois, mesmo com as dificuldades, elas transformaram sua dor em força.

Porém, esses processos de exclusão social, discriminação étnica e social fizeram com que a maioria delas mudassem sua realidade no aspecto familiar e econômico, no qual as tornaram independente financeiramente e possibilitaram a criação de seus filhos sozinhas sem auxílio de parceiros.

Por isso, nota-se como a solidão das mulheres negras pode afetar indiretamente nas suas vidas. Logo, a ocorrência da construção de famílias sem a presença paternal pode ser explicada como uma consequência da evolução social tomada pela hipersexualização advinda do período colonial.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base no que foi mencionado, a hipersexualização direcionada à mulher negra foi criada inicialmente a partir de sua objetificação no período escravagista, em que conduziu a outros séculos resquícios do racismo e do patriarcalismo. Desse modo, como o pensamento sobre a mulher negra foi voltado para a "coisificação", a mídia obteve destaque principal na disseminação desse fenômeno, dando ênfase constantemente apenas ao corpo feminino negro e sua sensualidade.

Devido a isso, os relacionamentos das mulheres negras foram afetados indiretamente, justamente pelo imaginário social criado em consequência da cultura racista e machista advinda do período escravagista e das representações da mídia sobre

elas, no qual a partir disso a sociedade as enxerga como pessoas apenas para fins relacionados ao prazer, desconsiderando a possibilidade de haver um relacionamento com elas, gerando, portanto, o termo solidão da mulher negra.

Por isso, a hipersexualização da mulher negra é um agente contribuidor para a objetificação, além disso esses dois fatores estão entrelaçados no qual um é resultado do outro. Assim, são um dos responsáveis a facilitar a propagação da marginalização de mulheres negras, e, por consequência, gerar problemas sociais que poderiam ser parcialmente resolvidos se a mídia não ajudasse a expandir esse processo. Afinal, a hipersexualização do grupo feminino negro ainda existe devido a uma cultura racista e machista presente atualmente, por isso, para erradicá-la, deve haver reeducação na sociedade e conscientização sobre a realidade dessas mulheres, a fim de extinguir qualquer tipo de ignorância sobre o assunto.

REFERÊNCIAS

ANJOS, Anna Beatriz; ARRAES, Jarid. **A solidão tem cor**. CEERT, [S. l.], p. 1, 13 set. 2015. Disponível em: <<https://ceert.org.br/noticias/genero-mulher/8257/a-solidao-tem-cor>>. Acesso em: 10 set. 2019.

AZEVEDO, Flávia. **Para refletir sobre a solidão da mulher negra na sociedade contemporânea**. Correio, [S. l.], 9 nov. 2018. Disponível em: <<https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/para-refletir-sobre-a-solidao-da-mulher-negra-na-sociedade-contemporanea/>>. Acesso em: 21 jul. 2019.

BARROS, Rebeca Thalia Bastos; BRITO, Gabriela Leal; SEABRA, Luciane Mota. **Quebrando grilhões: Sou Negra, Sou Mulher, NÃO sou objeto!**. João Pessoa: 30º Reunião Brasileira de Antropologia, 03 e 06 de agosto de 2016. Disponível em: <<http://www.30rba.abant.org.br/arquivo/downloadpublic?q=YToyOntzOjY6InBhcmFtcyI7czoNTOiYToxOntzOjEwOiJJRF9BUiFVSZPIjtzOjQ6IjI4OTIiO30iO3M6MT0iaCI7czoMjoiOU3ZWUxMTFiZmY5OGUzYmZkZTcxNjRjNjk0MzQ4MzgiO30%3D>>. Acesso em: 25 jun. 2019.

CAMBRAIA, Bruna. Mulheres negras: corpo e cor de uma fetichização que reflete no entretenimento. **IG São Paulo**, [S. l.], p. 1, 7 jun. 2017. Disponível em: <<https://gente.ig.com.br/cultura/2017-06-07/fetichizacao-mulheres-negras.html>>. Acesso em: 28 jun. 2019.

CARNEIRO, Anni de Novais; FERREIRA, Silvia Lúcia. PADRÕES DE BELEZA, RAÇA E CLASSE: REPRESENTAÇÕES E ELEMENTOS IDENTITÁRIOS DE MULHERES NEGRAS DA

PERIFERIA DE SALVADOR - BA. **Perspectiva Feministas de Gênero**, Pernambuco, p. 3, 24 nov. 2014.

CHIAVENATO, Júlio José. **O Negro no Brasil: da senzala a Guerra do Paraguai**. São Paulo: Brasiliense, 1993.

FRAGA, Gleide. **Sobre a solidão da mulher negra**. Geledés, [S. l.], 3 jun. 2015. Disponível em: < <https://www.geledes.org.br/sobre-a-solidao-da-mulher-negra/>>. Acesso em: 22 jul. 2019.

FREITAS, Marcel de Almeida. O cotidiano afetivo-sexual no brasil colônia e suas consequências psicológicas e culturais nos dias de hoje. **Ponta de Lança: Revista Eletrônica de História, Memória & Cultura**, Sergipe, v. 5, n. 9, p.63-68, 2011. Semestral. Disponível em: <<https://seer.ufs.br/index.php/pontadelanca/article/download/1577/2710>>. Acesso em: 30 abr. 2019.

FREYRE, G. 1998. **Casa Grande & Senzala**, Rio de Janeiro, Record, 1998, 34ª edição.

FREYRE, G. **Casa-grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal**; apresentação de Fernando Henrique Cardoso. 48. ed. São Paulo: Global, 2003.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo – Diário de uma favelada**. São Paulo: Ática, 1993.

LACERDA, Marina Basso. **Colonização dos corpos: Ensaio sobre o público e o privado. Patriarcalismo, patrimonialismo, personalismo e violência contra as mulheres na formação do Brasil**. 2010. Dissertação de Mestrado (Programa de Pós-Graduação em Direito) - Pontífca Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, abril, 2010. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/16570/16570_4.PDF>. Acesso em: 29 abr. 2019.

LOPES, Marcelo Lenz. **A REPRESENTAÇÃO DA MULHER NEGRA NAS PEÇAS PUBLICITÁRIAS VEICULADAS NA TV**. 2017. Trabalho de conclusão de curso - UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA CAMPUS DOS MALÊS INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS, [S. l.], 2017. Disponível em: <http://repositorio.unilab.edu.br:8080/jspui/bitstream/123456789/745/1/2017_mono_mlopes.pdf>. Acesso em: 24 jun. 2019.

MARTINS, Keila Karina Sousa. **Retrato da solidão da mulher negra em quarto de despejo de Carolina de Jesus**. Monografia (Monografia para conclusão do curso em licenciatura de Letras Português.) - UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, Brasília, 2016. Disponível em:

<http://bdm.unb.br/bitstream/10483/16377/1/2016_KeilaKarinaMartins_tcc.pdf>
Acesso em: 22 jul. 2019.

MELLO, Luciana. **Da cor do pecado**. [S. l.]: WIXEN MUSIC PUB OBO FERMATA INT'L MELODIES, 2004. Disponível em: <<https://m.letras.mus.br/joao-gilberto/576812/>>. Acesso em: 9 set. 2019.

MULVEY, Laura. **Prazer visual e cinema narrativo**. In: XAVIER, Ismail (Org.) A experiência do cinema: antologia. Rio de Janeiro: Edições Graal: Embrafilmes, 1983, p. 437-453

MOTT, L. **Escravidão, homossexualidade e democracia**, São Paulo: Ícone, 1988.

NOVAIS, F. A. **Portugal e Brasil na crise do antigo sistema colonial (1777-1808)**. São Paulo: Hucitec, 1979.

OLIVEIRA, Jacqueline. **O papel da colonização africana na percepção do corpo da mulher negra: uma leitura de O Alegre Canto da Perdiz**. Revista Satori, [S. l.], 1 jul. 2015. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/o-papel-da-colonizacao-africana-na-percepcao-do-corpo-da-mulher-negra-uma-leitura-de-o-alegre-canto-da-perdiz/>>. Acesso em: 1 maio 2019.

ROSA, Alexandre Valdemar da. **A cor do pecado: no século XIX, a sensualidade da mulher negra**. GELÉDES INSTITUTO DA MULHER NEGRA, [S. l.], 30 jun. 2011. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/a-cor-do-pecado-no-seculo-xix-a-sensualidade-da-mulher-negra/>>. Acesso em: 29 abr. 2019.

ROSA, Gabriel Nascimento; DIAS, Michele Pereira; ALMEIDA, Verbena Córdula. **História E Resistência: A Mulher Negra Como Protagonista Na Teledramaturgia Brasileira**. In: XX CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO NORDESTE -, 2018, Juazeiro- BA. **Anais [...]**. [S. l.: s. n.], 2018. Disponível em: <<http://portalintercom.org.br/anais/nordeste2018/resumos/R62-0262-1.pdf>>. Acesso em: 27 jun. 2019.

SILVA, Robson Roberto da. **O PAPEL SOCIAL DAS AMAS-DE-LEITE NA AMAMENTAÇÃO DAS CRIANÇAS BRANCAS NA CIDADE DE SÃO PAULO NO SÉCULO XIX**. 7º Encontro Escravidão e Liberdade no Brasil Meridional, Curitiba (UFPR), p. 3-9, 13 maio 2015. Disponível em: <<http://www.escravidaoeliberdade.com.br/congresso/index.php/E-X/7/paper/viewFile/21/6>>. Acesso em: 16 jul. 2019.

SOROCABA, Fernando Fakri de Assis; BONIFÁCIO, Fernando Zorza Nello. **Da cor do pecado**. [S. l.]: Música integrante do DVD Acústico Fernando e Sorocaba - © 2010 Som Livre., 2014. Disponível em: <<https://www.lettras.mus.br/fernando-sorocaba/1439184/>>. Acesso em: 9 set. 2019.

TERTO, Amauri. **Segundo Sol': A Bahia branca da novela é bem diferente da Bahia real, com 76% de negros**. Huffpost, [S. l.], 30 abr. 2018. Disponível em: <https://www.huffpostbrasil.com/2018/04/30/a-ausencia-de-atores-negros-em-segundo-sol-novela-da-globo-ambientada-na-bahia_a_23424010/?guccounter=1&guce_referrer=aHR0cHM6Ly93d3cuZ29vZ2xlLmNvbS5ici8&guce_referrer_sig=AQAAAAXWPMkSR1dx_J7Alq-oQoNFCbxQe2usKXeA0b94OKC95UGqcQIOkBUHuQiA8SKv13JfAOGdJ8TcRODUAkCvhg2Cn1Cdyct7TYHv9IrrmnB3ucPAA2On8IO-6XYFG3D2hXk2G5QZFchFRrJ8kcYMkZoJ6vLKMIircs8q_CjswkuZ0>. Acesso em: 10 set. 2019.